

# A percepção de professores de capoeira sobre a participação das mulheres nas aulas de capoeira: um estudo no município de Campos Sales (CE)\*

The perception of capoeira teachers about women's participation in capoeira classes: a study in the municipality of Campos Sales (CE)

Percepción de los profesores de capoeira sobre la participación de las mujeres en las clases de capoeira: un estudio en el municipio de Campos Sales (CE)

George Almeida Lima<sup>1</sup>      Diego Luz Moura<sup>2</sup>



Recebido: 08/09/2024 | Aceito: 02/12/2024

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Saúde e Biológicas e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Campos Sales, Ceará, Brasil. email: [george\\_almeida.lima@hotmail.com](mailto:george_almeida.lima@hotmail.com). ORCID: [0000-0003-0899-0427](https://orcid.org/0000-0003-0899-0427).

<sup>2</sup> Doutor em Educação Física, professor associado I da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, Pernambuco, Brasil. email: [lightdiego@yahoo.com.br](mailto:lightdiego@yahoo.com.br). ORCID: [0000-0001-6054-4542](https://orcid.org/0000-0001-6054-4542).

## Resumo

Objetivamos compreender a percepção de professores de capoeira do município de Campos Sales (CE) sobre a participação das mulheres nas aulas. A partir de entrevistas semiestruturadas, entrevistamos dois professores de capoeira. Os critérios de inclusão foram: praticarem capoeira e serem habilitados a lecionar. Evidenciamos que existe um baixo número de mulheres nos grupos de capoeira em Campos Sales (CE). Aspectos como baixa estrutura material, preconceitos, objetificação corporal e maior atribuição das mulheres em atividades domésticas são barreiras que impactam negativamente sua participação na

\* Artigo de Investigação. Não Financiado. Vinculado ao programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Petrolina, Pernambuco, Brasil.

capoeira. Todavia, as mulheres inseridas nos grupos participam ativamente das aulas, mesmo com os estigmas sofridos. Concluímos que os sentidos sobre a inserção das mulheres na capoeira vêm se ressignificando, o que acarreta o desenvolvimento de novas epistemologias que consideram distintas manifestações de feminilidade e contrapõe a cristalização de preconceitos estabelecidos.

#### **Palavras-chave:**

capoeira, artes marciais, gênero.

## **Abstract**

Our aim was to understand the perception of capoeira teachers from the city of Campos Sales (CE) regarding women's participation in classes. Based on semi-structured interviews, we interviewed two capoeira teachers. The inclusion criteria were: practicing capoeira and being qualified to teach. We found that there is a low number of women in capoeira groups in Campos Sales (CE). Aspects such as low material structure, prejudices, body objectification and women's greater attribution to domestic activities are barriers that negatively impact their participation in capoeira. However, the women in the groups actively participate in classes, despite the stigmas they suffer. We conclude that the meanings regarding women's inclusion in capoeira have been re-signified, leading to the development of new epistemologies that consider distinct expressions of femininity and challenge the crystallization of established prejudices.

#### **Keywords:**

capoeira, martial arts, gender.

## **Resumen**

Nuestro objetivo fue comprender la percepción de los profesores de capoeira del municipio de Campos Sales (CE) sobre la participación de las mujeres en las clases. Mediante entrevistas semiestructuradas, entrevistamos a dos profesores de capoeira. Los criterios de inclusión fueron: practicar capoeira y estar capacitado para enseñar. Evidenciamos que hay un bajo número de mujeres en los grupos de capoeira en Campos Sales (CE). Aspectos como la baja estructura material, los prejuicios, la cosificación del cuerpo y el mayor papel de la mujer en las actividades domésticas son barreras que impactan negativamente su participación en la capoeira. Sin embargo, las mujeres de los grupos participan activamente en las clases, a pesar del estigma que sufren. Concluimos que los significados sobre la inserción de la mujer en la capoeira se han ido ressignificando, lo que lleva al desarrollo de nuevas epistemologías que consideran diferentes manifestaciones de la feminidad y se oponen a la cristalización de prejuicios establecidos.

#### **Palabras clave:**

capoeira, artes marciales, género.

## Introducción

A capoeira se configura como uma expressão corporal interligada a uma simbologia político-cultural brasileira, tendo em vista sua relação com os processos históricos brasileiros. Assim, a capoeira é reconhecida como uma prática que foi utilizada pelas pessoas escravizadas como forma de resistência às relações de poder arbitrariamente desenvolvidas (Araújo *et al.*, 2022).

A capoeira é uma prática multidimensional, podendo ser compreendida como luta, performance, jogo, filosofia, dança, ritual, esporte, ginástica etc. Devido a essa multiplicidade de significações, a capoeira se propagou por distintos espaços, consolidando-se como um instrumento que apresenta um campo da cultura brasileira. Tendo em vista a sua relevância social, ela foi reconhecida e alçada como um patrimônio imaterial brasileiro no ano de 2008 (Cunha *et al.*, 2014; Pertussatti, 2017; Pires, 2008).

Todavia, diversas apropriações culturais foram estabelecidas ao longo do desenvolvimento da capoeira. Alguns elementos — como a formação de maltas (grupos de capoeiristas criados no século XIX), estratégias para a ampliação de domínio político, a construção de sua identidade como esporte e prática cultural e seu estabelecimento no seio das relações étnico-raciais do Brasil — tensionaram e ressignificaram esse campo social (Santos, 2010; Soares, 2002; Falcão, 2008).

O desenvolvimento da capoeira apresenta características específicas que consideram as codificações e significações que cada grupo social atribui a essa prática corporal. Desse modo, a prática da capoeira não é homogênea. Considera-se que cada campo cultural apresenta percepções distintas sobre a apropriação de seus elementos socioculturais. No mesmo contexto, Lima *et al.*, (2024) apontam que cada arte marcial tem uma singularidade que pode variar de acordo com o contexto cultural no qual foi desenvolvida. Nesse caso, em Campos Sales (CE), local desta pesquisa, os fatores que impactam positivamente ou negativamente o desenvolvimento da capoeira podem ser distintos de outras regiões ou países, fazendo-se necessário compreender as nuances que envolvem o desenvolvimento dessa prática.

A capoeira, prática corporal que constitui o campo de investigações deste estudo, assim como outras práticas corporais de combate, foi historicamente compreendida e delineada como um campo masculinizado (Elias & Dunning, 1992). Nesse sentido, ao entrevistarem praticantes de capoeira, Vianna e Duino (1999) destacam que eles têm orgulho em demonstrar superioridade no confronto com grupos rivais, levando em consideração a agressividade e a violência como uma característica dos participantes dos grupos (todos homens). Desse modo, a capoeira apresenta-se como um campo hostil para aqueles que não apresentam atributos masculinizados.

Wacquant (2002) destaca que pressupostos como agressividade, virilidade e força constituem-se, a partir de uma visão machista e misógina, como atributos fundamentais para a prática das atividades de luta. Dessa forma, os homens são estimulados a praticar lutas, apresentando suas “marcas de guerra” (hematomas e cicatrizes) como sinais de honra e bravura.

Nesse ínterim, cristalizou-se a ideia machista e exclusiva de que as mulheres não tinham habilidades para a prática das lutas, o que propiciou a consolidação da ideia de fragilidade feminina e reforçou ideais e expressões misóginas que, conjuntamente, operavam para impor a inferioridade das mulheres em relação aos homens. A criação do Decreto-lei n. 3199/41, que proibia as mulheres de participarem de práticas corporais consideradas “violentas”, foi um aspecto que reforçou a separação das práticas corporais em femininas e masculinas (Fernandes *et al.*, 2015; Mariante & Wenetz, 2022).

Desse modo, as mulheres praticantes de lutas tiveram que superar distintas barreiras sociais que estorvam sua participação em tais modalidades. Em estudo realizado por Souza e Franco (2021), foram identificadas as seguintes barreiras: (i) distinção de gênero; (ii) cultura da feminilidade normatizada; (iii) ênfase midiática nas práticas masculinas; (iv) objetificação corporal da mulher, e (v) exclusão social da mulher.

Com reforço, Fernandes *et al.* (2015) também destacam que os corpos femininos são espetacularizados a partir da potencialização de recursos tecnológicos, exibindo performatividades que são marcadas por aspectos que envolvem comportamentos viris, como a utilização da força, coragem e raiva.

Jardim (2017) salienta que a inserção das mulheres nas lutas está interligada ao mercado da beleza, estereotipando a participação das mulheres a partir de elementos voltados para a objetificação corporal. Dessa forma, além de terem atributos de performatividade atlética, sua participação nesse universo também está ligada a uma visão heteronormativa, em que são tidas como belas, femininas e sensuais.

Ao destacarmos a representação feminina no universo da capoeira, enfocamos uma relação entre mulher e esporte, que se consolida na luta desencadeada a partir da busca por “novas” representações do corpo feminino. A partir dessas “novas” configurações, Barbosa (2011) assevera que as letras das músicas de capoeira estão sendo recodificadas, o que se contrapõe às mensagens machistas e misóginas estabelecidas no processo de origem dessas letras.

Destarte, entendemos o corpo como um símbolo social que sofreu o efeito de estereótipos estabelecidos a partir das relações de poder (Pereira & Marchi Júnior, 2019). Todavia, a inserção das mulheres no campo das lutas desencadeia a construção de uma pluralidade de identificações, uma vez que elas podem apresentar diversas significações dentro desse campo, e isso pode causar tensões, tendo em vista a percepção machista pautada na ideia de feminilidade normatizada (Lima *et al.*, 2023b).

Embora haja uma ideia de que a capoeira é uma prática eminentemente masculinizada e que a predominância masculina ainda é a realidade atual de muitos centros de ensino, essa percepção estereotipada está sofrendo modificações, pois as mulheres estão se inserindo nesse campo (Martins et al., 2021).

A partir do exposto, objetivamos compreender a percepção de professores de capoeira do município de Campos Sales (CE) sobre a participação das mulheres nas aulas de capoeira. Buscamos encontrar subsídios que ampliem as discussões sobre a inserção das mulheres na capoeira, a fim de que as reflexões sobre esse fenômeno possam ser ampliadas.

## Metodología

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa e exploratória, que se apoia em uma perspectiva interpretativa, acreditando que as percepções apresentadas pelos entrevistados carregam uma multiplicidade de sentidos e significações que podem ter diferentes interpretações para os diferentes indivíduos (Gil, 2008). Para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, que se configura como um instrumento que permite ao pesquisador elaborar questões pré-definidas, mas que ao longo do desenvolvimento permite que emanem novos questionamentos, fato que pode auxiliar o pesquisador no aprofundamento das questões estabelecidas (Gil, 2008).

Seguindo as diretrizes de Manzini (2012), a entrevista foi construída previamente pelos pesquisadores e foi submetida a testes, antes de ser aplicada aos participantes da pesquisa. O questionário foi aplicado previamente a dois alunos de um programa stricto sensu de Pós-graduação em Educação Física, objetivando eliminar possíveis vieses na construção do instrumento de coleta.

Participaram do estudo dois professores de capoeira residentes no município de Campos Sales (CE). Os participantes foram selecionados a partir de uma consulta na Secretaria Municipal do Desporto de Campos Sales (CE), onde identificamos um professor graduado em capoeira. Estabelecemos o primeiro contato por meio de ligação telefônica para apresentar o projeto e receber a anuência da participação. O professor indicou dois praticantes, que também foram contactados via ligação telefônica, em que lhes foi explicado todo o procedimento de pesquisa. Um dos professores se recusou a participar do estudo. Restando assim, dois participantes incluídos nesse estudo.

Em um segundo momento, as entrevistas foram agendadas na casa dos participantes, onde eles foram entrevistados. Utilizamos os seguintes critérios de inclusão: (i) serem praticantes de capoeira; (ii) serem habilitados (graduados) a lecionar aulas de capoeira. Foi critério de exclusão: (i) se recusarem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas aconteceram no mês de janeiro de 2023.

As entrevistas foram transcritas e enviadas aos participantes. Após esse processo, criamos uma matriz analítica, na qual os dados foram inseridos e analisados a partir da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016), envolvendo três diretrizes: pré-análise, exploração de material e tratamento dos resultados. Em seguida, os dados foram organizados em uma categoria temática: (i) a participação das mulheres na capoeira: as percepções de professores graduados. Todos os participantes concordaram em participar do estudo e assinaram o TCLE. O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Regional do Cariri com CAAE: 64954022.2.0000.5055 aprovado pelo parecer de número 5.865.500. Os professores foram identificados pelos codinomes Caiçara e Navalha.

## Resultados e discussões

O Quadro 1 apresenta informações sobre os professores.

| Nome    | Tempo de prática na capoeira | Nível de graduação                   | Tempo de docência | Grupo vinculado                    |
|---------|------------------------------|--------------------------------------|-------------------|------------------------------------|
| Caiçara | 17 anos                      | Instrutor:<br>10 <sup>a</sup> corda  | 12 anos           | Escola de Arte e Cultura de Bambas |
| Navalha | 15 anos                      | Aluno graduado: 9 <sup>a</sup> corda | 8 anos            | Fundação Arte Brasil               |

**Tabla 1.** *Informações sobre os professores de capoeira.*

Fonte: elaboração própria (2024).

### A participação das mulheres na capoeira: as percepções de professores graduados

Esta categoria apresenta discussões relacionadas às percepções de professores de capoeira sobre participação das mulheres em aulas de capoeira no município de Campos Sales (CE). A falta de estrutura para a prática da capoeira no município, junto a determinadas barreiras sociais que envolvem a participação das mulheres na modalidade, contribuem para a ampliação das dificuldades de sua inserção na prática.

Ao questionarmos os professores sobre as aulas de capoeira no município de Campos Sales (CE), eles destacam que o desenvolvimento dos projetos de capoeira em Campos Sales (CE) não tem uma continuidade. Esse percurso não-linear propiciou uma desestabilidade na estrutura interna dos grupos, fazendo com que os grupos tivessem uma ampla rotatividade de alunos(as), pois muitos(as) desistiam durante os tensionamentos relacionados à frágil funcionalidade dos grupos. O projeto mais duradouro permaneceu ativo por cinco anos e contou com a participação ativa dos dois professores entrevistados. Ao serem questionados

sobre a quantidade de mulheres que participaram dos grupos, ambos responderam que seis mulheres participavam ativamente das aulas durante os cinco anos de projeto.

O professor Caiçara, por sua vez, destacou que no ano de 2010 fez parte de uma instituição pública de Campos Sales (CE) e, quando se descobriu que ele era professor de capoeira, foi lhe solicitado que ministrasse aulas para uma determinada comunidade. O projeto chegou a contar com 20 crianças do sexo feminino. Todavia, o projeto durou apenas quatro meses. O professor destacou que questões estruturais, como a ausência de espaço e materiais específicos, inviabilizaram a continuidade do projeto.

Questionamos os professores acerca dos aspectos estruturais do projeto. Eles responderam que não tinham incentivo para ampliá-lo. Eles não recebiam nenhum recurso financeiro e isso inviabilizava a participação do grupo em eventos e na aquisição de materiais para os treinos, reduzindo a divulgação das ações do grupo.

Almeida *et al.* (2016) destacaram que os aspectos relacionados à gestão de grupos de capoeira estão relacionados à exibição e propagação de cerimônias de graduação e eventos esportivos. Por trás desses aspectos, objetiva-se a venda de uniformas, pagamento de matrículas, mensalidades e taxas para os eventos. Desse modo, a capoeira estreita laços com possíveis esportivistas, pautados na racionalização esportiva, institucionalização de regras e na mercantilização da capoeira como produto de consumo financeiro.

Ao serem questionados sobre a possibilidade de os(as) alunos(as) contribuírem financeiramente com o projeto, os professores destacaram que as únicas contribuições que os(as) alunos(as) poderiam dar era para a aquisição de suas roupas e materiais individuais. Apesar de a capoeira também estar sendo vivenciada como produto de consumo, não notamos esse tipo de comportamento nos professores entrevistados, pois em nenhum momento buscouse cobrar quaisquer taxas dos(as) alunos(as), preservando-se os sentidos originais da capoeira, pautando-se na apropriação dessa prática como elemento de lazer, de desenvolvimento físico, social e cognitivo.

Diante das problemáticas estruturais apresentadas, Moreira e Vieira (2014) orientam que deve existir maior mobilização, capacitação e conscientização dos professores para que possam participar de processos que envolvem a produção de projetos sociais vinculados a órgãos públicos e privados. Todavia, o desconhecimento desse mecanismo desencadeia dificuldades para esses professores lidarem com processos complexos e burocráticos. Neste ínterim, não podemos apenas atribuir responsabilidades aos professores, no que concerne ao desenvolvimento da capoeira no município de Campos Sales. Deve-se fomentar políticas públicas que propaguem os saberes relacionados à capoeira para os diversos grupos sociais. A ausência de apoio e estruturação dessa prática em quaisquer contextos deve ser sanada, tendo em vista que essa prática é considerada um patrimônio cultural imaterial brasileiro.

Ao serem questionados sobre a participação do grupo em eventos de capoeira, os professores destacaram que o único evento que participaram foi a primeira graduação, no

ano de 2019. O professor Caiçara salientou que algumas vezes, o grupo era convidado para fazer pequenas apresentações em escolas e que os(as) capoeiristas até divulgavam as ações do grupo, mas que isso não era suficiente para que muitas pessoas pudessem aderir ao projeto. O professor salientou que as vezes aparecia um(a) aluno(a) ou outro(a), mas dificilmente continuavam. O professor acredita que se o grupo tivesse melhor estrutura, como um local próprio, materiais específicos e o desenvolvimento de eventos no município, poderia contar com maior participação da comunidade no grupo.

Podemos perceber uma escassez de participações do grupo em eventos de capoeira. Isso se restringiu a pequenos eventos em escolas e um único evento de graduação. Alves e Montagner (2008) destacam que a capoeira sofre críticas no que concerne seu processo de esportivização, em que pode acontecer a perda da “‘essência’ e da exclusão de possíveis praticantes, que a Capoeira-Esporte pode trazer” (p. 519). Todavia, existem outros níveis de participação esportiva da capoeira, como a participação esporádica, educação e competição. Porém, deve-se preservar os processos culturais da capoeira, de modo que seus significados não sejam deturpados (Alves, 2013).

Maroun *et al.* (2015) asseveram que o fomento de eventos acarreta maior visibilidade do(a) capoeirista e amplia a aquisição de status, visibilidade e motivação para o treinamento. Desse modo, não podemos excluir demais possibilidades de apropriação da capoeira, mas sim buscar subsídios para que suas significações sejam respeitadas. Portanto, acreditamos que a participação em eventos poderia se configurar como um aspecto que estimularia a propagação da capoeira e a fidelização das alunas, estimulando-as a seguirem inseridas nessa prática corporal.

Ao serem questionados sobre os processos de graduação das alunas, os professores responderam que todas receberam a primeira graduação, seguindo a motivação inicial dos projetos. Compreendemos que se as participantes tivessem recebido mais oportunidades de graduação isso poderia potencializar a participação de mais mulheres na capoeira, fortalecendo o vínculo daquelas que já estavam inseridas no grupo e trazendo visibilidade às mulheres graduadas, uma vez que esse processo se dá a partir do tempo de prática, dedicação às aulas, desenvolvimento de conhecimentos relacionados à cultura e história da capoeira.

Dessa forma, a aquisição de uma corda (mudar seu nível de graduação) pode ser considerada um prêmio para aquela aluna que se dedicou na prática da capoeira (Maroun et al., 2015). Todavia, a baixa frequência de eventos de graduação pode ser justificada pela falta de apoio que os professores tiveram ao longo do desenvolvimento do projeto. As condições socioeconômicas dos(as) participantes pode ter contribuído para a pouca participação nesses eventos. Segundo os professores, os(as) próprios(as) alunos(as) deveriam arcar com as taxas de graduação (taxa de exame) e despesas dos eventos, como o pagamento das passagens, estadia e alimentação do professor que realizaria o exame de graduação (professor responsável pela academia matriz em Fortaleza). Quando os professores não conseguiam patrocínio suficiente, dividiam os custos entre todos(as) os(as) alunos(as). Esse fato pode gerar desestímulo aos(as)

participantes, uma vez que a monotonia das aulas, a escassez de objetivos mais amplos (como competições e graduações em maior escala) e a viabilização do pagamento de taxas podem romper o ímpeto participativo dos(as) praticantes.

Os professores foram questionados sobre a participação das mulheres nas aulas de capoeira. Eles relataram que a participação das mulheres era frequente. Elas eram dedicadas, participavam ativamente dos treinos e dificilmente faltavam. Elas eram bem aceitas no grupo e sempre levantavam possibilidades de apresentações do grupo em escolas e demais instituições.

O professor Navalha destaca que havia um equilíbrio de participação entre homens e mulheres, entretanto, algumas “brincadeiras” eram feitas, o que poderia afastar as mulheres da capoeira. Ao ser questionado sobre quais seriam essas “brincadeiras”, o professor se limitou a dizer que eram certas atitudes de cunho machista, como “piadinhas com segundas intenções, alguns alunos ficavam puxando assuntos paralelos à vivência da capoeira e não levavam o jogo a sério, como se as mulheres tivessem menos contundência nos golpes”. Compreendemos que essas atitudes podem desencadear constrangimento às mulheres, limitando sua motivação para participar do grupo.

O professor Caiçara, por sua vez, apresentou mais argumentos sobre o questionamento dos pesquisadores, destacando que presenciou casos de desrespeito às mulheres, como (i) comentários machistas de pessoas durante o evento, salientando que ali não era lugar para mulheres, (ii) risos e comentários direcionados às mulheres durante apresentações em algumas escolas, (iii) algumas vezes, os próprios membros do grupo ridicularizavam os movimentos feitos pelas mulheres, (iv) comentários sobre a beleza das mulheres, (v) resistência dos pais em deixá-las participar das aulas e (vi) maiores atribuições às atividades domésticas.

O professor Caiçara também destacou aspectos relacionados às objetificações corporais sofridas pelas capoeiristas, salientando, inclusive, que alguns alunos foram expulsos de grupos por posturas que perpassavam a prática da capoeira, na qual a visão de sexualização apresentada por alguns alunos constrangia as mulheres e muitas vezes elas se reportavam aos professores para relatar esses fatos. Essa objetificação corporal amplia o afastamento das mulheres do universo da capoeira.

A partir das respostas supracitadas, questionamos os professores: se as mulheres sofrem tantos estigmas e precisam superar barreiras sociais, por que a participação delas era ativa no grupo? O professor Navalha falou, de maneira superficial, que as mulheres gostavam da capoeira e por mais que dificuldades pudessem aparecer, uma praticante motivava a outra a continuar. O professor Caiçara, por sua vez, apresentou mais elementos para esse questionamento. Ressaltou-se que as mulheres adquiriram o “espírito da capoeira”, pautado na luta contra as adversidades, na força do caráter e na ideia de nunca desistir. Desse modo, percebemos que a prática da capoeira, segundo o professor Caiçara, desenvolve uma autoconsciência e força física e psicológica que permitiram que as participantes pudessem superar as adversidades.

Com reforço, Lima e Maia (2021) realizaram um estudo de revisão que buscou analisar a influência da prática das artes marciais no comportamento dos(as) seus(suas) praticantes. Os autores destacam que as lutas têm códigos internos pautados em aspectos morais, no respeito, na superação e em sentimentos de autoconfiança, e quando o ser humano estreita os laços com esses preceitos, é influenciado a modificar seu comportamento e adota uma postura ativa.

Embora possamos compreender que a prática da capoeira apresenta simbologias específicas que podem desenvolver os aspectos físicos, sociais e cognitivos das participantes, não podemos desconsiderar os estigmas sociais que estão interligados à participação das mulheres nas lutas. Assim, a objetificação corporal configura-se como um mecanismo opressor, pois modifica a maneira em que mulheres e meninas socializam. Esse fato contribui para que elas possam internalizar uma visão de si mesmas como um objeto, avigorando a percepção de que seu valor depende de sua aparência (Adelman, 2003).

Dessa forma, a pressão social que a mulher sofre, constituída culturalmente pela formação social baseada na lógica patriarcal, gera tensões nas mulheres, já que elas precisam “negociar” sua inserção/permanência no campo das lutas, artes marciais e esportes de combate. Essa “negociação” envolve a adoção, por parte das mulheres, de posturas que coadunam com esse universo, pautado na força, virilidade e agressividade, desenvolvendo tendências que compreendem o olhar do outro como um ponto de referência.

Pereira e Marchi Júnior (2019) objetivaram descrever como se configura a representação dos corpos femininos na capoeira. A autora e o autor destacam que existem preconceitos em relação à participação feminina dentro e fora da capoeira, e que existem estereótipos dentro da própria cultura da capoeira que devem ser superados, como a compreensão errônea de fragilidade feminina, uma vez que a capoeira se constituiu, em seu início, com a ampla participação masculina. O rompimento desses estereótipos pode contribuir para que as mulheres se insiram, de maneira efetiva, nesse campo social.

A partir de uma entrevista semiestruturada com uma mestra de capoeira, Martins et al. (2021) buscaram refletir sobre a participação das mulheres na capoeira em Santa Catarina (SC). Os resultados apresentam que as mulheres enfrentam lutas cotidianas, buscando desconstruir conceitos machistas e misóginos que inserem a mulher em um contexto de fragilidade. Concluem que a capoeira se apresenta como uma cultura de resistência e luta contra as diferentes barreiras socioculturais que permeiam essa prática. E a inserção das mulheres nesse campo desencadeia uma nova luta pela valorização feminina, coadunando com o desenvolvimento de “novos” olhares sobre essa prática. Lima et al. (2023a) apontam que as mulheres precisam realizar maiores esforços para que possam se inserir na capoeira, negociando sua participação a partir da adoção de posturas agressivas, buscando lutar “de igual para igual” com os homens.

Ao serem questionados se as oportunidades de homens e mulheres eram as mesmas para a prática da capoeira, o professor Navalha destacou que a capoeira é uma prática inclusiva, que acolhe todas as pessoas e pode ter múltiplas representações para as mulheres, mas muitas vezes isso pode não ser compreendido pela sociedade, uma vez que as mulheres sofrem preconceitos relacionados à sua participação na capoeira, como a ideia de que esse ambiente não pertence a elas. O professor Caiçara afirmou que os homens têm mais liberdade para realizar as práticas corporais e que as mulheres têm certas restrições, como menor apoio da família e a pressão social sofrida a partir da percepção preconceituosa de feminilidade normativa, que busca evidenciar um padrão de feminilidade, como a limitação da mulher ao ambiente doméstico.

Com reforço, Araújo *et al.* (2022) realizaram um estudo autoetnográfico, composto pelas memórias da primeira autora, cujo foco estivesse nas relações de gênero experienciadas desde seu ingresso, em 1996, em um grupo de capoeira, na região do Vale do Araguaia (MT). Os resultados apontam que, devido ao preconceito sofrido pelas mulheres na prática da capoeira, foi criado o X Encontro Feminino de Capoeira no estado do Rio de Janeiro. Esse evento acolhia as mulheres e muitas precisavam levar seus filhos. O resultado supracitado apresenta desigualdades estruturais no que concerne o acesso e a permanência entre homens e mulheres na prática desportiva. Atribuições como o cuidado com os filhos e o cônjuge, a prática de atividades domésticas e a manutenção de comportamentos que, a partir de uma percepção machista, são caracterizados como “papel da mulher” são entraves que dificultam a apropriação plena das mulheres nas práticas corporais.

Dessa forma, percebemos que as mulheres têm certas atribuições sociais que as distanciam do campo das práticas corporais. Destarte, é preciso desconstruir as representações cristalizadas sobre os corpos e ações das mulheres a partir de um processo reflexivo e crítico que as coloque como indivíduas que devem se apropriar, de maneira plena, de todas as representações sociais.

Os veículos midiáticos também impactam as representações de gênero, no que concerne ao acesso, à permanência e à criação de representações que potencializam ou estigmatizam a participação das mulheres na capoeira. Machado (2019) realizou uma análise documental em revistas de capoeira, do ano de 2002 a 2008. O autor destaca que existe uma diferença significativa entre a quantidade de fotos divulgadas. De 197 fotos destacadas, 172 são masculinas e 35 femininas. Quanto às entrevistas realizadas, as quatro que foram realizadas, tiveram os homens como participantes. O autor conclui que o domínio masculino está interiorizado na sociedade, reproduzindo-se com naturalidade no contexto social. Assim, podemos perceber que os veículos midiáticos propõem maior evidência às ações do gênero masculino, o que pode acarretar a insegurança das mulheres para inserirem-se no universo da capoeira.

A alta representatividade masculina nos veículos midiáticos e no campo esportivo, alinhado à baixa participação das mulheres nas atividades corporais pode desencadear o

comprometimento da “feminilidade” da atleta, uma vez que ela se insira nesse “universo masculinizado”. Esse fato pode ampliar a percepção estereotipada da mulher, atribuindo-lhe características domésticas, como dona de casa e que não apresenta características viris (Adelman, 2003). Dessa maneira, devemos desnaturalizar as noções excludentes e estereotipadas que permeiam a percepção do ser mulher com base em um processo de reflexão crítica, entendendo que não há um padrão para “ser mulher”, mas que as identidades femininas são constituídas a partir de uma corporificação social que desencadeia a partir das apropriações socioculturais das mulheres (Connell, 2016).

Ao serem questionados sobre as dificuldades e facilidades de acesso das mulheres à capoeira, os professores salientaram que as mulheres têm que “gostar muito” da capoeira para que possam se inserir e se manter nesse campo, pois alguns aspectos como a organização estrutural da capoeira, estereótipos estabelecidos sobre a relação das mulheres com as práticas corporais de luta e a objetificação corporal se apresentam como obstáculos para a prática da capoeira no município de Campos Sales (CE).

Muitas vezes, esse processo pode desencadear no afastamento dos(as) participantes. Todavia, esse afastamento torna-se mais acentuado para as mulheres, pois, além da pouca visibilidade dessa atividade corporal no município, ao se inserirem nesse campo, as mulheres estão inseridas em um universo em que a construção cultural sobre o “ser mulher” está ligada a atributos da feminilidade normatizada, que entendem a mulher como um ser frágil e delicado. Desse modo, alguns estereótipos que contribuem para o afastamento das mulheres do universo da luta foram cristalizados socialmente.

Neste ínterim, apesar das dificuldades encontradas pelas mulheres para se inserirem na capoeira, percebemos um avanço no que concerne essa inserção. Novas configurações estão sendo desencadeadas. Menezes (2020) destaca que por muito tempo a trajetória feminina no campo da capoeira foi silenciada a partir dos processos colonialistas. Todavia, ao se inserirem nesse universo, as capoeiristas consolidam novas epistemologias que subscrevem a dialética do silenciamento pressuposto pelo colonialismo.

## Considerações finais

Este estudo objetivou compreender a percepção de professores de capoeira do município de Campos Sales (CE) sobre a participação das mulheres nas aulas de capoeira. Realizamos entrevistas semiestruturadas com dois professores experientes e habilitados para ministrar aulas de capoeira. A escuta das falas dos professores nos permitiu compreender que a prática da capoeira no município de Campos Sales (CE) apresenta déficits estruturais, como (i) ausência de espaços específicos para a prática da capoeira, (ii) falta de apoio de instituições governamentais ou não, pois os(as) próprios(as) participantes devem arcar com as despesas financeiras relacionadas às vestimentas, à realização de eventos e aos processos que envolvem a mudança de nível. Esses processos desencadeiam, em um contexto geral,

baixa adesão dos(as) participantes na capoeira e baixos índices de continuidade desses(as) participantes.

A partir da percepção dos professores entrevistados, podemos considerar que existe um baixo número de mulheres participantes dos grupos de capoeira de Campos Sales (CE). Todavia, as poucas mulheres ligadas aos grupos de capoeira participavam ativamente das aulas, tinham boa frequência nas aulas e eram as que mais incentivavam o grupo a participar de eventos. Destacamos que embora as mulheres participassem ativamente das aulas, essa participação era impactada negativamente por fatores como: (i) preconceitos em relação à sua participação, (ii) objetificação corporal, (iii) receio dos pais em deixá-las sair de casa com frequência, (iv) maior atribuição às atividades domésticas e (v) baixa estrutura da capoeira em Campos Sales (CE). Assim, as mulheres precisam superar estigmas e barreiras sociais que inviabilizam sua participação nas aulas. Desse modo, consideramos que a inserção das mulheres na capoeira desencadeia tensões que se refletem no desenvolvimento de “novas” percepções sobre a participação feminina nessa prática, na qual os sentidos e significações sobre inserção das mulheres nas lutas vêm sendo ressignificados, o que acarreta o desenvolvimento de novas configurações que buscam contrapor os preconceitos estabelecidos e amplia as possibilidades de apropriação das diversas expressões de feminilidade.

Em resumo, o presente estudo avança no sentido de compreender como as mulheres participam dos grupos de capoeira em Campos Sales (CE), fato que pode possibilitar a ampliação das reflexões sobre esse fenômeno. Entretanto, este estudo tem algumas limitações, como: (i) apresenta a visão de apenas dois professores de capoeira, do sexo masculino, o que não permite generalizar os elementos coletados a partir de seus discursos, sob risco de acarretar distorções sobre a participação das mulheres nas lutas e práticas corporais de combate. Todavia, acreditamos que este trabalho pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento da capoeira no município de Campos Sales (CE), bem como apresentar subsídios que contribuam para o entendimento dos processos que envolvem a participação das mulheres na capoeira.

## References

- Adelman, M. (2003). Mulheres atletas: Re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, 11(1), 445–465. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200006>
- Almeida, M., Joseph, J., Palma, A., & Soares, A. J. (2016). Marketing strategies within an african-brazilian martial art. In *Diversity, equity and inclusion in sport and leisure* (pp. 120–133). Routledge. <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315796727-13>
- Alves, F. S. (2013). O encontro com a capoeira no tempo da vadiação. *Movimento*, 19(2), 277–300. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.30542>
- Alves, L. P., & Montagner, P. C. (2008). A esportivização da capoeira: Reflexões teóricas introdutórias. *Conexões*, 6(1), 510–521. <https://doi.org/10.20396/conex.v6i0.8637853>
- Araújo, P. F. B., Souza, M. J. de, & Marani, V. H. (2022). Corpo, gênero e capoeira: Experiências autoetnográficas a partir dos estudos culturais físicos. *Revista LICERE*, 25(1), 343–368. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.39109>
- Barbosa, M. J. S. (2011). A representação da mulher nas cantigas de capoeira. *Portuguese Literary and Cultural Studies*, 19(20), 463–477. [https://ojs.lib.umassd.edu/plcs/article/view/PLCS19\\_20\\_Barbosa\\_page463](https://ojs.lib.umassd.edu/plcs/article/view/PLCS19_20_Barbosa_page463)
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (3rd ed.). Edições 70.
- Connell, R. (2016). *Gênero em termos reais*. nVersos.
- Cunha, I. M. C. F., Vieira, L. R., Tavares, L. C. V., & Sampaio, T. M. V. (2014). Capoeira: A memória social construída por meio do corpo. *Movimento*, 20(2), 735–755. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.42052>
- Elias, N., & Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*. Memória e Sociedade.
- Falcão, J. L. C. (2008). O jogo da capoeira em jogo. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 27(2), 59–74. <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/88>
- Fernandes, V., Mourão, L., Goellner, S. V., & Grespan, C. L. (2015). Mulheres em combate: Representações de feminilidades em lutadoras de boxe e MMA. *Revista Da Educação Física/UEM*, 26(1), 367–376. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26009>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6th ed.). Editora Atlas.
- Jardim, J. (2017). Até vestidinho elas estão botando: Problematizando padrões corporais, de gênero e sexualidades nas artes marciais mistas femininas. *Mundos de Mulheres*, 13(1), 1–12. [https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499459174\\_ARQUIVO\\_JulianaJardim\\_ST57.pdf](https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499459174_ARQUIVO_JulianaJardim_ST57.pdf)
- Lima, G. A., Caldas, F. D. L., & Millen Neto, A. R. (2024). Luta, artes marciais e esportes de combate numa perspectiva etnográfica. *Corpo, Cultura e Movimento*, 14(2), 59–75. <https://doi.org/10.15332/2422474X.10202>
- Lima, G. A., Macêdo, C. G., & Neto, Â. R. M. (2023). Reflexões sobre a participação das mulheres no campo das artes marciais e as representações de gênero incutidas nesse processo. *Revista Cocar*, 18(36), 1–20. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7138>

- Lima, G. A., & Maia, F. E. D. S. (2021). Os impactos da arte marcial no comportamento dos seus praticantes. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, 9(2), 1098–1104. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v9.e2.a2021.pp1098-1104a>
- Lima, G. A., Martins, D. G., Silva, F. J. S. da, Neto, F. P. M., & Vasques, D. G. (2023). Isso não vai tirar a feminilidade dela de forma alguma: Percepções de jovens mulheres sobre as relações de gênero na capoeira. *Conexões*, 21, e023034. <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674393>
- Machado, J. (2019). Mulheres e homens no campo da capoeira: Desigualdade de gênero na revista praticando capoeira. *Revista Destaques Acadêmicos*, 11(2), 113–121. <https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v11i2a2019.2236>
- Manzini, E. J. (2012). Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso*, 4(2), 149–171. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49548>
- Mariante, F. P., & Wenetz, I. (2022). Mulheres no boxe: Negociações de masculinidade(s) e feminilidade(s) na academia. *Movimento*, 28(1), e28004. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.111694>
- Maroun, K., Souza, W. V. D., & Mourão, L. N. (2015). O processo de esportivização da capoeira no cenário contemporâneo. *Arquivos Em Movimento*, 11(1), 7–18. <https://cev.org.br/media/biblioteca/4035083.pdf>
- Martins, S. E., Luiz, M. E. T., Franzoni, W. D. C. C., Tavares, L. M., & Marinho, A. (2021). Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da grande florianópolis. *Revista LICERE*, 24(1), 385–407. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31340>
- Menezes, L. de O. (2020). Pode uma subalterna gingar? *Revista Espaço Acadêmico*, 20(225), 63–71. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54027>
- Moreira, P. S. P. C., & Vieira, L. R. (2014). *A participação social na formulação das políticas públicas para a capoeira em minas gerais*. III Seminário de Políticas para a Diversidade Cultural. [https://politicasparadiversidadecultural.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/spdc14\\_priscila-soares-de-paiva-c-moreira.pdf](https://politicasparadiversidadecultural.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/spdc14_priscila-soares-de-paiva-c-moreira.pdf)
- Pereira, T., & Marchi Júnior, W. (2019). “Capoeiras”: A representação da mulher nessa arte-luta brasileira. *Pensar a Prática*, 22(1), 1–12. <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.53601>
- Pertussatti, M. (2017). Capoeira: Diálogo de saberes como possibilidade de valorização da(s) identidade(s) afro-brasileira(s) e do patrimônio imaterial. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos Em Cultura e Sociedade*, 3(1), 1–11. <https://doi.org/10.23899/relacult.v3i3.518>
- Pires, A. L. C. S. (2008). Capoeira é defesa, ataque, ginga de corpo e malandragem. *Revista Textos Do Brasil*, 14(1), 55–59. <https://cev.org.br/media/biblioteca/4018182.pdf>
- Santos, L. (2010). *Capoeira: Expressão de identidade e educação*. Eduem.
- Soares, C. E. L. (2002). *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no rio de janeiro, 1808-1850* (Vol. 7). Editora Unicamp.

- Souza, J. D., & Franco, L. C. P. (2021). As resistências culturais enfrentadas pela mulher no âmbito das modalidades de lutas. *Motrivivênci*a, 33(64), 1–22. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021e77006>
- Vianna, J. A., & Duino, S. R. (1999). Perfil desportivo dos praticantes de artes marciais: A expectativa dos iniciantes. *Motus Corporis*, 6(2).
- Wacquant, L. (2002). *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Relume-Dumará.

## Como citar

Lima, G. A., & Moura, D. L. (2025). Percepción de los profesores de capoeira sobre la participación de las mujeres en las clases de capoeira: un estudio en el municipio de Campos Sales (CE). *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 15(2), 39-54. <https://doi.org/10.15332/2422474X.10237>